

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O MUSEU: A ARTICULAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

ÁVILA, Cristiane Bartz de¹
RIBEIRO, Angela Mara Bento²
RIBEIRO, Maria de Fátima Bento³

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo relatar uma experiência pedagógica que articulou alguns resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS” com práticas pedagógicas em sala de aula e com o trabalho de educação patrimonial no Museu Etnográfico da Colônia Francesa, localizado no 7º Distrito de Pelotas- RS, na zona rural deste município.

Palavras-chave: História. Memória. Educação patrimonial. Museu.

Introdução

O Museu Etnográfico da Colônia Francesa foi inaugurado em 14 de julho de 2007 e dois anos depois abriu suas portas ao público. O referido Museu contou com o apoio da Comunidade local para sua existência e hoje se encontra sob a administração da Universidade Federal de Pelotas.

A escola onde iniciou-se a pesquisa, fica na localidade Vila Nova, localizada dentro do 7º Distrito de Pelotas, denominado Quilombo. O educandário fica muito próximo ao Museu e uma das primeiras iniciativas foi agendar uma visita pedagógica com as bolsistas do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, no intuito de levar os alunos para conhecerem o local. Na ocasião, firmou-se a ideia de retornar ao Museu e estabelecer uma parceria com a Instituição e demais membros da equipe, em um projeto de educação patrimonial.⁴

¹ Profª de História SMED Pelotas e Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural/ UFPEL, integrante do grupo de pesquisa em Culturas, Cidades, Políticas e Fronteiras da UFPEL. crisbartz4@yahoo.com.br

² Doutoranda PPGL-Linguística Aplicada-Universidade Católica de Pelotas, Professora da Universidade Federal do Pampa-curso de Turismo, integrante do grupo de pesquisa em Culturas, Cidades, Políticas e Fronteiras da UFPEL, angetur.ribeiro8@gmail.com

³ UFPEL, Profª Drª em História, UFPEL-ICH-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL E DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS-UFPEL e coordenadora do grupo de pesquisa em Culturas, Cidades, Políticas e Fronteiras da UFPEL. mfabento@hotmail.com

⁴Tendo como base a dissertação de mestrado denominada “Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS”⁴, que versava sobre o provável motivo dos moradores da região, em especial dos oriundos das Comunidades Negras Rurais próximas, não discutirem assuntos pertinentes ao tema, foi feito o trabalho que será relatado no presente texto. A



Fazer parte das reuniões do grupo de trabalho do Museu da Colônia Francesa da UFPel, surgiu nesta ocasião, organizar a curadoria de uma exposição intitulada “Patrimônio Cultural Quilombola”, que tem como seus objetivos a utilização para ações educativas com as escolas interessadas da área rural de Pelotas. A proposta deste trabalho refere-se também à reflexão sobre o papel de professor e sua relação com Educação patrimonial através das ações ambientais e culturais para a formação do aluno como cidadão sensível às questões socioculturais, no ambiente em que vivem.

Durante as ações educativas no Museu, foram utilizados banners que continham as informações sobre a pesquisa da dissertação, pudemos perceber que as crianças se interessaram pela exposição. Houve interação e no final os alunos fizeram desenhos nos quais deveriam representar os indígenas do passado e da atualidade e os quilombolas do passado e as comunidades negras rurais da atualidade. Muitas questões foram discutidas e os discentes puderam aproximar-se da realidade das comunidades negras rurais, observado que no início do projeto eles não tinham claras as diferenças entre esses grupos e os representavam na maioria das vezes de uma única forma: homens nus com cocares e saias de penas, típicos nativos representados nos livros didáticos da época do Brasil colônia ou ainda alguns colocavam os quilombolas como escravos com bolas de ferro nos pés ou com algemas. Nesta linha de trabalho, desenvolveram-se as ações educativas que contribuíram para debates e reflexões em torno do tema, reforçando o papel social dos alunos e da escola na sociedade.

Desenvolvimento:

A realização desta atividade efetivou-se no Museu da Colônia Francesa, localizado na Vila Nova, 7º Distrito de Pelotas, denominado Quilombo. Nas fotos abaixo, temos o acervo do museu, que é composto basicamente por objetos doados pelos moradores locais. São tachos de cobre, barris de vinho, fotos de família, rótulos dos produtos agroindustriais (produzidos pelos próprios moradores), ferros de passar roupa, moedores de carne, etc. Observou-se que os alunos mostraram interesse pelos objetos, comparando-os com os que tinham em suas residências. Relataram que eram

referida dissertação foi resultado do mestrado acadêmico da professora pesquisadora Cristiane Bartz de Ávila, uma das autoras deste texto.

objetos do avô ou da avó e que muitas vezes estavam em algum galpão da propriedade. Alguns manifestaram admiração, pois não identificaram o prédio como museu, já que sempre tiveram como referência em seu entendimento e compreensão outros locais como o Museu da Baronesa ou Museu da PUC-RS⁵.

O Museu mantém uma exposição de objetos permanente. No dia da atividade, estava com duas exposições em forma de banners: uma da Aeropostale⁶ e a outra sobre o Patrimônio Cultural Quilombola⁷. Em um primeiro momento, levamos os alunos à sala principal, onde estava localizada a exposição permanente e a exposição da Aeropostale. Ao iniciarmos as ações educativas, as bolsistas deixaram os alunos bem à vontade para tecerem seus comentários e fizeram um breve relato da nova exposição. Após perguntas e considerações, passamos para uma sala menor, onde estava a segunda exposição e que também é utilizada para reuniões e para atividades educativas.



Figuras 1, 2 e 3: sala de exposição e objetos.
Fonte: acervo da pesquisadora

⁵ O Museu da Baronesa é um dos mais conhecidos na Cidade de Pelotas, pois foi a residência do Barão dos Três Serros, sendo um local de encontro da Comunidade Pelotense. Muitas pessoas vão ao local para fazer piquenique, jogar, brincar com as crianças, participar de atividades culturais e mais raramente visitar o museu. Quanto ao Museu da PUC, geralmente é um dos passeios culturais que os professores costumam organizar para suas turmas na região.

⁶ Pelotas fazia parte do roteiro que partia de Toulouse, na França, com escalas na África do Sul, e entrava no Brasil por Natal, no Rio Grande do Norte e incluía as principais capitais e o Município antes de concluir a rota em Buenos Aires na Argentina. Os voos tiveram início em março de 1928 e a ligação Toulouse/Buenos Aires era efetuada em nove ou dez dias. Um de seus pilotos era o escritor Antonie de Saint-Exupéry, autor de clássicos como o “Pequeno Príncipe” e “Terra dos homens”. A rota será reconstituída partindo de Buenos Aires e passando em Pelotas no dia 4 de maio. A professora Mônica Cristina Correia, da USP, representante do projeto no Brasil, deverá estar em Pelotas no próximo mês para acertar os detalhes do projeto intitulado “Memória da Aeropostale- Raide Latécoère” conforme <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNC0wMi0yNw==&codnoticia=36165> acessado em 26/03/2015. A referida exposição ficou por um tempo no Mercado Central, centro da Cidade e após foi escolhido o Museu da Colônia Francesa por ser o museu étnico do município a trabalhar a referida temática. Consulte também o site: <http://www.zepperi.org/aeropostale/pelotas-presenca-francesa/> acessado em 26/03/2015.

⁷ Sendo esta última resultado da pesquisa de mestrado da autora da dissertação.



Visualizamos as atividades desenvolvidas nesse dia nas figuras abaixo: na Figura 4, temos a chegada dos alunos no museu; nas Figuras 5 e 6 os alunos escutam as explicações da Professora Pesquisadora sobre a exposição intitulada Patrimônio Cultural Quilombola.



Figuras 4, 5 e 6: Ação Educativa E.M.E.F. Ministro Arthur de Souza Costa no Museu da Colônia Francesa.

Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Após exposição dialogada, tomando por base os banners expostos, os alunos participaram de atividades de educação patrimonial. Segundo Horta (2001, p.04), a Educação Patrimonial é *"o mais poderoso instrumento, ou veículo, [...] para a ativação e o reforço da Memória Coletiva, através do processo educacional, permanente ou formal."* Ainda, conforme o IPHAN, Educação Patrimonial é entendida como:

Os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação (Educação Patrimonial – Programa Mais Educação- MEC, 2013, p.05).

Dessa forma, as atividades foram pensadas com o objetivo de chamar a atenção dos educandos para a valorização de nosso patrimônio local, dando ênfase à contribuição da etnia negra para a região, uma vez que ali se formaram no passado os Quilombos, e ao referido distrito, que até hoje é denominado Quilombo e dentro dele está localizada a Vila Nova, região objeto deste texto. Ainda hoje, temos uma Comunidade Negra Rural neste mesmo Distrito e os demais imigrantes que vieram a partir da segunda metade do século XIX.

A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 216 estabelece:

Patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade

brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” .

Desta forma, a constituição brasileira reconhece que o patrimônio cultural (material e imaterial) faz parte da identidade e da diversidade cultural, e que diferentes grupos são formadores da sociedade brasileira. Assim, investigar e disseminar a cultura para todos sem discriminação de qualquer espécie, em nome do bem comum e social, pode contribuir como fator para a garantia da cidadania. A discussão que gerou as ações aqui expostas contribuirá para a confirmação de jovens mais conscientes do seu papel na história do país, no processo político, cultural e social. As informações e participação em conjunto despertaram e sensibilizaram os alunos das escolas que participaram ativamente nas intervenções.

Um exemplo a ser citado foi o trabalho realizado por Ribeiro e Machado (2014):

“O PIBID-EP tem permitido um aprendizado à todos os envolvidos no projeto, buscando um trabalho para promover a proteção à cultura da cidade de Jaguarão. Nesse caso diz respeito à educação patrimonial, que é tema relevante para a sociedade, em que busca de toda forma a aproximação e o conhecimento os estudantes com o patrimônio cultural e Jaguarão. (Projeto EP- Compartilhando os Bens de Jaguarão, p.117, 2014)”.

Neste contexto, a educação patrimonial é um instrumento que proporciona aos alunos e professores vivenciar novos modos de fazer pedagógico.

Outro objetivo que permeia o trabalho é o cumprimento da lei 11645/2008, que versa sobre o estudo das culturas indígenas e afro-brasileiras nas escolas de ensino básico, principalmente nas disciplinas de história, artes, língua portuguesa e literatura.

Essas são as disciplinas citadas na referida lei, embora as outras disciplinas também tenham o dever de contribuir com esse trabalho que visa valorizar os elementos culturais da etnia negra. No caso da disciplina de história, é necessário que o educador deixe de lado a visão eurocêntrica contida na maioria dos livros didáticos. Uma visão onde geralmente a história do negro é vista nos capítulos referentes à escravidão. Rosa Margarida de Carvalho Rocha (2006) é uma dentre tantas autoras que desenvolve material didático-pedagógico sobre o tema. A autora traz ideias para os professores adaptarem em seu cotidiano de sala de aula. Nesse contexto, o professor deve procurar chamar atenção para o protagonismo da etnia negra em alguns momentos históricos estudados, tais como a África como berço da humanidade, quando se estuda a pré-



história. Os reinos africanos que existiam antes da partilha da África, bem como os processos de resistência ao imperialismo e à escravidão. Também é muito importante que se enfatize sua contribuição cultural para a formação do patrimônio brasileiro.

Em relação à disciplina de educação artística, a imagem como fonte histórica é por demais importante. O professor deve ter o cuidado em mostrar imagens que traduzam os valores civilizatórios africanos, deixando de lado as famosas pinturas que retratam os maus-tratos sofridos durante a escravidão. Afinal que criança gostaria de saber que seus antepassados foram açoitados e estiveram numa condição de subserviência? Imagens desse tipo não contribuem para a constituição de uma identidade forte e positiva. Os professores desta disciplina podem usar o colorido das roupas africanas, as máscaras africanas como fonte de inspiração para trabalhos artísticos que tragam momentos prazerosos durante sua realização e em momentos de exposição para a comunidade escolar.

Já nas disciplinas de língua portuguesa e literatura, há um universo de possibilidades tendo em vista que as disciplinas podem utilizar várias fontes e várias metodologias. Citamos como exemplo textos literários, publicações em jornais, romances e até mesmo textos históricos. Ao ler poemas, tanto da literatura brasileira como africana, os alunos podem produzir resenhas, histórias em quadrinhos, poemas, paródias e até mesmo peças de teatro. Cabe ressaltar que o conteúdo escolhido pelo professor deve trazer como tema assuntos que abordem a importância da contribuição do negro para a cultura de nosso país, numa tentativa de valorizar essa etnia com o objetivo de trabalhar o sentimento de identidade dos mesmos.

A partir desta perspectiva, aliamos estudos acadêmicos e pesquisas sobre a comunidade local, utilizamo-nos de referenciais sobre educação patrimonial para orientar os estudos dos alunos sobre o patrimônio cultural local.

Dessa forma as Figuras 7, 8 e 9 mostram os alunos participando das seguintes atividades: jogo dos 7 erros sobre a fachada do museu, e encontro do caminho correto para chegar ao museu através de um mapa da região. Os alunos deveriam seguir o caminho de sua casa até o museu.

Após, eles lancharam e desenvolveram atividade ligada à segunda exposição. Os alunos deveriam desenhar como eles percebiam os nativos do passado e os nativos do presente, bem como desenhar os quilombolas do passado e as comunidades negras

rurais do presente. Após, os que desejavam, iam mostrando seus desenhos e o grupo ia discutindo. Inicialmente, percebemos que os alunos tinham uma visão do índio caricaturado apresentado nos livros didáticos que abordam a história do Brasil colônia. A mesma coisa sobre os quilombolas: para os alunos, as imagens deveriam ser de escravos, então questões como resistência e lutas pelos direitos do ser humano foram trabalhadas. Após este breve diálogo, os alunos perceberam as diferenças e relacionaram as questões do passado com o presente concluindo que os nativos vivem de forma bem diferente do passado, geralmente limitados em pequenos espaços, reservas que não contemplam suas necessidades, com dificuldades de acesso à continuidade dos estudos, geralmente vendendo artesanato na beira da rodovia (situação visualizada por alguns alunos em relação aos indígenas). Quanto às comunidades negras rurais, estas estão inseridas junto aos outros colonos, geralmente caracterizadas em lotes de terras menores, em lugares de mais difícil acesso e em terras menos agricultáveis.

Abrimos aqui um parêntese para destacar que, ao percebermos que os alunos não conseguiam representar as diferenças do passado e do presente sobre estas etnias, problematizamos com eles algumas questões para que pudessem ter um entendimento dessas diferenças, tais como: Onde eles moravam? Como era a propriedade deles ou dos seus familiares? O que tinha lá? O que plantavam? Como plantavam e colhiam? Quais maquinários utilizavam? Enxada, trator, arado, colheitadeira? Com a renda da lavoura a família se sustentava? Suas terras eram planas ou em declive? Conheciam algum outro agricultor que tinha terras em declive e com muitas pedras? Quais eram as dificuldades enfrentadas na zona rural? Quais seriam as dificuldades para quem tem pouca quantidade de terra e com muitas pedras nos terrenos? Como poderiam plantar essas pessoas e o quê? Essa plantação geraria renda suficiente para o sustento da família?

Essas questões foram sendo levantadas verbalmente e surgiam conforme suas respostas: salientamos que não foi nada programado, surgiu da constatação da necessidade naquele momento, pois para a pesquisadora parecia claro que eles sabiam diferenciar o passado do presente. Após esse diálogo, os alunos perceberam essas diferenças; nas turmas trabalhadas, temos alunos filhos de pequenos, médios e grandes agricultores, alguns são filhos de caseiros de sítios ou de grandes propriedades, alguns pais têm pequenos sítios em que as mulheres exercem profissões como professoras, enfermeiras e assistentes sociais e os pais são caminhoneiros, outros são comerciantes

da região. Muitos que se dedicam à agricultura migraram da cultura do pêssego para a do fumo por terem garantido o seguro, não tendo condições de escolher pelo bem-estar e a saúde da família. Assim, muitos dos problemas enfrentados pelos moradores da zona rural foram relatados, como as distâncias, dificuldades de transporte e saúde. Entretanto, os alunos conseguiram colocar-se no lugar dos moradores das comunidades negras rurais, pois como fora demonstrado nos banners e ressaltado durante o diálogo, aos moradores destas comunidades restaram as terras menos agricultáveis, com pedras e pouco território de acordo com o processo histórico de ocupação desta região.

Assim, suas representações foram bem próximas de seu cotidiano, com cenas agrárias, nas quais representavam as pessoas usando enxadas e objetos manuais, sem as máquinas agrícolas utilizadas pelos outros colonos. Os alunos identificavam-se como outros colonos, pertencentes a outras etnias, embora em seus comentários pudéssemos perceber que identificavam o modo de vida como próprio da região. Entretanto, compreenderam que, pela dificuldade em plantar, as comunidades negras rurais tinham maiores problemas financeiros e não teriam à sua disposição os mesmos equipamentos que alguns deles dispunham, como colheitadeiras e tratores.



Figuras 07, 08, 09. Atividades pedagógicas no Museu da Colônia Francesa.

Fonte: Acervo da pesquisa



Figuras 10, 11 e 12: Reconhecendo as proximidades do museu.

Fonte: Acervo da pesquisa

A proposta promoveu também saída externa ao Museu, com caminhada no seu entorno, identificando a região e o patrimônio natural, além de alguns locais importantes, como a igreja e a escola, onde eles participam dos jogos rurais promovidos anualmente, a mesma em que esta pesquisa iniciou sua caminhada.⁸

No que se refere as atividades do entorno do Museu, os alunos reconheceram a escola como lugar de integração, pois participam dos jogos rurais, cuja sede é neste local. Neste momento, aproveitamos para falar da região e do relato oral da comunidade sobre ser aquele local um dos lugares por onde passavam os quilombolas do passado, inclusive de um conflito que ocorrera naquele local quando as autoridades procuravam pelos quilombolas que haviam fugido das charqueadas. Aproveitamos para mostrar um córrego que faz parte do Arroio denominado Quilombo, que segundo os moradores locais, formou-se por ser caminho dos Quilombolas para fugir para lugares de mais difícil acesso na Colônia. Também mostramos uma árvore denominada Jiribá, que no passado era utilizada para fazer os abrigos dos Quilombolas e também trançar para fazer uma espécie de coberta para se agasalhar. Alguns perceberam como deveria ser dura a vida naquela época, o que pudemos notar nos comentários que fizeram neste momento. Outra informação que as bolsistas nos passaram é que o Museu fora sede antiga da escola e depois a Comunidade Religiosa utilizou o prédio para finalmente ser sede do Museu, mas que até hoje a Comunidade quando necessita utiliza aquele espaço.

Por fim, em horário do projeto, solicitamos aos alunos que fizessem um trabalho que sintetizasse o que de mais importante eles haviam estudado sobre a história de Pelotas e a formação quilombola durante o século XIX. Eles decidiram em consenso que iriam fazer uma maquete da região. Fora uma atividade proposta por eles e, utilizamos aquela aula para planejar o que iríamos necessitar e para consultar fontes de como seriam as casas (chácaras) antigas, senzalas, etc. Durante a fase de elaboração,

⁸ Desde 2010, as atividades da Escola do Distrito do Quilombo são voltadas para aproximação da população rural com as políticas de educação patrimonial no viés cultural e ambiental. Neste mesmo ano nasce o projeto da escola intitulado Casa de Cultura, o qual trabalhava por etnias, sendo naquele ano a etnia francesa. As aulas eram em turno inverso, nas quais os professores trabalhavam com história culinária. Naquele ano, a partir da história e dos objetos das famílias, é organizado um “minimuseu” com exposição durante o aniversário da escola. No ano seguinte, a escola trabalha com maior afinco com a etnia negra e funda-se um NEABI RURAL na escola, projeto este aprovado pela mantenedora e que até hoje está em funcionamento. Em 2011, a escola expõe na Semana da Consciência Negra vários trabalhos dos alunos e realiza um Seminário integrando vários representantes e estudiosos da cultura afro-brasileira, a Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão e a Comunidade Escolar.

eles consultaram livros com o objetivo de visualizar como seria uma fachada de uma “Casa Grande”, ou “Casa dos Senhores de Escravos” e utilizaram fotos que retratavam os Casarões da Cidade de Pelotas. Combinamos que a montagem da referida maquete ficaria para a aula seguinte, para a qual traríamos o que necessitávamos para a confecção.

A maquete foi dividida em duas áreas e o elemento utilizado nesta divisão foi o Arroio Quilombo: no lado esquerdo do espectador, foi retratada uma Casa de um proprietário de Chácara na Serra dos Tapes. Nesta casa houve o cuidado de se colocar uma senzala doméstica na parte inferior da mesma. Os alunos também fizeram uma estrada e plantações de milho e feijão, produtos típicos que foram descritos na documentação da época. E o qual já informado aos alunos, durante as aulas teóricas, que tais produtos eram cultivados na região no século XIX, e foi uma grata surpresa quando estes mencionaram tal informação.

Do lado direito, os alunos representaram o Morro do Quinongongo, o Morro dos Três Serros, plantações de feijão, um abrigo feito no mato, onde ficavam os quilombolas. Apontamos que na foto 12, localizada abaixo, a maquete ainda estava incompleta e os alunos preencheram o lado direito (dos quilombolas) de galhos de árvores, o que caracterizou uma mata fechada. Esta ação deve-se ao relato que consta no Processo Crime de 1836 contra o quilombola Mariano. Segundo o documento, os quilombolas se escondiam na Serra dos Tapes, em locais de difícil acesso, entretanto, circulavam por toda a região, inclusive pelas propriedades de seus antigos donos.

Nas Figuras 13 e 14, podemos constatar o entusiasmo dos alunos na elaboração do trabalho.



Figuras 13 e 14: Confecção de maquete sobre a região da Serra dos Tapes no século XIX
Fonte: acervo da E.M.E.F. Ministro Arthur de Souza Costa.

Considerações Finais

O trabalho com educação patrimonial é uma importante ferramenta para motivar os alunos, principalmente os do ensino básico, cujos atrativos fora da escola concorrem com as aulas. Apesar de estarmos em uma era de globalização, os recursos os quais os professores dispõem são obsoletos diante das novas tecnologias. A era digital e a rapidez com que se processam as informações podem trazer mudanças no cenário atual que observamos fazerem com que o professor enfrente muitas dificuldades em manter os alunos interessados e participativos, de forma que o uso das tecnologias deve aliar-se a propostas digitais como fotografias, vídeo, jogos, blogs, que na verdade fazem parte do cotidiano desta geração de informações e tecnologias. O que podemos observar durante a atividade que foi realizada mediante as tecnologias com a impressão de banners digitalizados. O trabalho envolveu os aspectos da cultura e do patrimônio local e tivemos como resultado o interesse e a motivação, que gerou a participação e a sensibilização com o tema proposto de maneira prazerosa, trocando informações sobre aspectos da região, o que fez com que os adultos também aprendessem com a experiência. Como resultado, podemos perceber que esta vivência/ experiência marcou os alunos, que nos deram o retorno através dos diálogos durante a elaboração da maquete. Observamos que isso nos permitiu (aos professores) um olhar mais atento para as atividades de EP de forma a contribuir para nosso trabalho como educadores.

Referências

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. A educação Patrimonial- um processo em andamento. **Museu e Educação: conceitos e métodos**. São Paulo: USP Museu de Arqueologia e Etnologia, 2001.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Educação Patrimonial: Manual de aplicação : Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. – Brasília, DF : Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.

RIBEIRO, Ângela Mara Bento, MACHADO Carlos José de Azevedo. Subprojeto História-Educação Patrimonial: compartilhando os bens de Jaguarão. In: MARTINS, Márcio André Rodrigues *et. al.*(orgs) **Iniciação à docência: relatos de coordenadores sobre experiências- no PIBID**. São Leopoldo: OIKOS, 2014.p.110-127.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro**-Uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar. Belo Horizonte: Mazza Edições,2006.

LEIS E DECRETOS



Lei 11645/2008. **Ensino da Cultura afro-brasileira e indígena na rede de ensino**, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm .

Constituição da República Federativa do Brasil. **Art. 216. Incisos I, II, III, IV em:** http://senado.gov.br/legislação/cosnt/con1988/CON1988_29.03.2012/art_216 , de 27 de março de 2015. Disponível em: Ministério da Cultura em: <http://www.cultura.gov.br/site/>